



LISBOA—Um grupo de anões no Jardim Botânico

(Cliché do phot. am. sr. Antonio Rodrigues de Gouveia)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes)	1\$200
» » (3 mezes)	600

À cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.

Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$000
Numero avulso	60

Expediente

Já estão impressas as capas para o 1.º volume da *Illustração Catholica*. Estas capas são de percalina, douradas, e d'um bello effeito artistico.

Quem as pretender tenha a bondade de, em postal, fazer a sua encomenda. Cada capa custa 330 reis incluindo o correio. O importe deve ser remettido em vale ou estampilhas.

Resumo da Doutrina Christã

Em prosa e verso, sendo a parte em verso composta

PELO

Rev.^{mo} P.^e Carlos Rademaker

Methodo muito facil para ensinar, por meio de canto, as cousas mais necessarias da Doutrina Christã. Edição accres-

centada pelo P. Villela & Irmão

Preço: Brochado, 10 rs. Cartonado, 40 rs.

Manual da Adoração do Santissimo Sacramento

Traduzido do original em Francez do Padre Tesnière, pelo Padre José Antonio d'Oliveira. Brevemente será posto á venda este excellente tratado de devoção ao SS. Sacramento. N'esta redacção se acceitam encommendas da mesma obra.

Callos só os tem quem quer!

O CALLICIDA DIAS faz cahir os callos por mais antigos que sejam. E' a melhor descoberta da actualidade porque os tira pela raiz.

Preço, pelo correio, 25 centavos. Restitue-se o dinheiro a quem provar a fallibilidade.

Pedidos a Manoel Joaquim Dias — CALDELLAS



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela.

Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 19 de setembro de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 64—Anno II



(GUERRA) — Correspondencia militar

Chegamos de... vamos para... (não é preciso saber para onde) não estou doente nem ferido; tudo corre ás mil maravilhas...

Chronica da Semana

LXIII

HA hoje, leitores, uma posição difficil de sustentar. Mais difficil até do que manter o equilibrio economico, do que ter graça deante da desgraça, quasi tão difficil como fazer passar um camello pelo fundo de uma agulha. Sabeis vós qual ella é?

— E' manter a neutralidade e a paciencia entre um germanóphilo e um francóphilo.

E por aqui se vê as difficuldades que assediam a Dato e a Salandra, ao Sultão da Turquia, a Fernando da Bulgaria e ao sr. Freire d'Andrade.

Todos nós temos visto executar por *troupes* chinezas os mais difficeis jogos malabares: — o mais instavel equilibrio encontra no chinez um obstinado mestre e cultor. E porque a conflagração tambem se desdobrou e reflectiu nas margens do Indico oceano, vem-nos á mente que a neutralidade absoluta das potencias terá seu symbolo no presidente da republica... chineza. Eis uma das enormissimas e descansadissimas vantagens dos bonzos, — dirá hoje ao ler-me a reincarnação do profundo Pacheco ou do não menos talentoso e perspicaz Accacio. E, eu concordo. O bonzo, a preguiça, ou antes o portuguezissimo *não te rales*, será nos dias de hoje a grande aspiração das nações, dos povos mais buliçosos. Ficar quieto, não sentir nada, nada saber, eis a concretização do maior desejo universal.

Ficar quieto, leitores, é, por exemplo, não ter de mobilisar por força de qualquer compromisso diplomatico, pois que os compromissos diplomaticos não passam de cadeias arrastando quem os tomou para conflictos que não provocou.

Não sentir nada, leitores, é não assistir ao *ultimatum* do mercieiro á creada das compras, invocando a fabulosa alta dos preços dos generos. Nada saber, leitores, é não ouvir o gallego d'esquina a commentar o ultimo *placard* da guerra ou ter a felicidade de na rua não topar um conhecido que em vez de lhe desejar bons dias, dispara á

queima-roupa: — Então o plano do Joffre? E as atrocidades allemãs? E o *raid* dos cossacos?... Viste o ultimo telegramma do *Commercio*? Eu sou francez e tu?

E' claro, leitores, que quando temos a desdita de encontrar alguém em semelhante estado pathologico, o unico refugio — se não ha uma tabacaria proxima onde nos encafuemos — é ser francez como o desgraçado, e inventar, logo como o *Seculo*, um telegramma com cem mil allemães mortos, pelo menos, no mar dō Norte ou nas margens do Rheno — que a estas horas deve ser vermelho como o sr. Estevão de Vasconcellos.

Mas, infelizmente, vive-se em plena emoção. Apparentemente as ruas não accusam aspecto sombrio. As *toilettes* claras desabrocham nos cafés de praia onde tambem se joga sem respeito e consideração pelo triste policia que faz que não vê mas vê. O povo das aldeias desce á Povia de Varzim cantando. As romarias teem a mesma vivacidade de cōr, a mesma poeira, os mesmos typos alegres e toldados ao fim do repasto, as mesmas musicas desafinadas, com notas vibrantes de clarinete, melodias de bombo, e *intermezzos* de pratos. E ao fim d'isto tudo, para não haver nada de discrepante, o sr. Affonso Costa vae tomar folego democratico para a Figueira, e partem para Africa duas expedições militares, constando tambem á bocca cheia que o sr. Eloy prepara nova *fitá*.

Todavia a emoção é profunda. O susto é permanente. . . . Eu li em Eça de Queiroz que uma senhora lia um jornal emquanto outras cosiam e tres ou quatro paes de familia, sentados n'um sophá, fumavam, na doce indolencia de uma tarde de maio. O jornal d'aquelle dia era um calendario de calamidades. A referida senhora ia lendo devagar, e os outros commentando. De repente gritou:—Meu Deus!... Foi a Luiza Carneiro... Deslocou um pé.

E toda a sala se alvoroçou.

Se a emoção não acalma, Portugal será em breve a sala de Eça de Queiroz... só porque a Europa deslocou a cabeça.

F. V.

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALEM FRONTEIRAS)

QS jornaes francezes e especialmente o *Matin*, que não pode ser accusado de germanophilo, confessa amargamente, que o triumpho moral dos allemães—perdoe-se-lhe esta ultima illusão—é indiscutivel e commentando a bravura, a precisão d'essa grande massa disciplinada, homogenea, que avança indomita, semeando metralha, com uma precisão mechanica, chama-lhe pittorescamente a *vertigem do automatismo*.

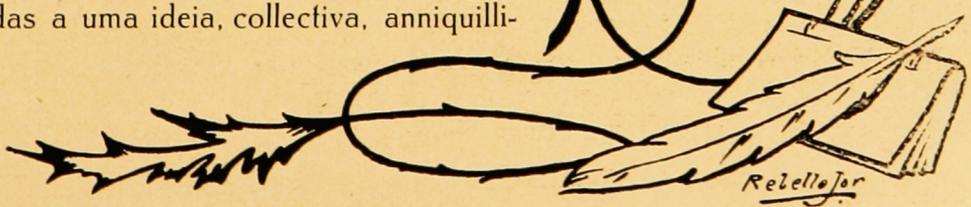
O que é certo afinal e que nem mesmo os mais apaixonados podem negar, é que os allemães tendo cumprido fielmente o seu plano invasor, revelaram nos mais dolorosos franses uma organização poderosissima. A sua factica não tem sido contrariada nem mesmo ferida no seu unico ponto vulneravel. Os generaes francezes deveriam procurar dividir essas massas poderosas e automatatas, que cahem sobre os exercitos como um blóco infernal e pôrem de parte a



POVOA DE LANHOSO — Egreja de Nossa Senhora do Amparo

perigosa velleidade de tentarem oppor a essa avalanche disciplinada a massa insufficiente das suas tropas pouco organisadas. Demandaria muito tempo e muito espaço o estudo dos factores diversos da disciplina militar dos exercitos do Kaiser,—complicada machina, accionada energicamente por uma potencial admiravel de tenacidade, de prudencia, d'energia, que fazem d'essa nação a mais admiravel e poderosa força militar dos estados modernos. Os cossacos russos com toda a sua bravura, o seu heroismo romantico, a sua selvagem ferocidade, hão-de lutar sempre com uma inferioridade, contra essa força disciplinada e poderosa.

Contra o heroismo desordenado, o heroismo methodisado, reduzido a formulas irreductiveis. D'um lado a bravura desvairada, selvagem, pessoal, devastadora; d'outro lado a bravura, a energia, adoptadas, methodisadas, cingidas a uma ideia, collectiva, anniquillidora.



Mas o que é triste afinal, é que tanta força dispendida, tantos e tantos milhões dissipados, sirvam sómente para enriquecer os fabricantes de canhões ou as grandes e poderosissi-

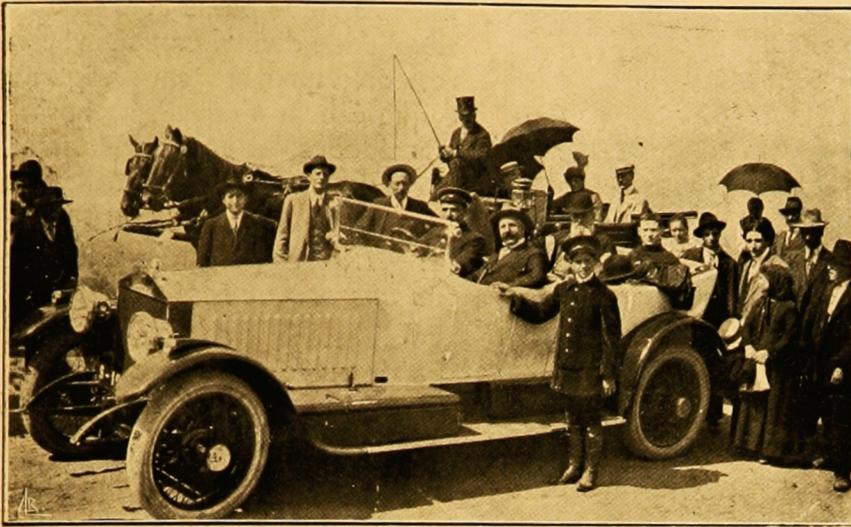
mas companhias de navegação, que dominadas pela vertigem da competencia lutam desesperadas, porque doloroso é confessa-lo: esta guerra sangrenta, não é a lucta entre nações zelozas

Os nossos Bispos



D. Matheus d'Oliveira Xavier
Patriarcha das Indias Orientaes e Arcebispo de Goa, Primaz

Nasceu em Valle de Urra (Villa do Rei), em 14 de outubro de 1858; eleito Bispo de Cochim em 1897, foi promovido a Patriarcha das Indias em 26 de fevereiro de 1909.



BRAGA—Partida do Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio Barroso,
Bispo do Porto, para o Sameiro

de sua integridade, do seu orgulho, mas uma
lucta interesseira e odienta entre negociantes
gananciosos.

Entretanto, como tudo na vida tem o seu
reverso amavel, tambem do meio de tantas dô-
res, de tantos sacrificios, alguma coisa surgiu
de consolador e de bom. Francisco José, no
meio de tantos odios, teve um gesto humano de
piedade concedendo a independencia á Polonia.
Esse povo soffredor, esmagado, durante tantos
annos vae ter a sua aurora redemptora. Povo
heroico, tão grande na gloria como na adver-
sidade, que deu ao mundo o exemplo da mais
poderosa energia na lucta pelo seu ideal, vae
ter a compensação dos seus sacrificios!

Se Chopin vivesse, elle que cantou a ago-
nia tragica d'essa raça, n'esse nocturno admi-
ravel *Finis Poloniae*, que é o *De profundis* de
uma nacionalidade onde cada nota parece uma
lagrima e cada phrase um quei-
xume dolorido, poderia compôr
agora na vibrante explosão de
uma patria que resurge, o hymno
epico á liberdade que vae de no-
vo abençoar e proteger essa raça
soffredora. E Francisco José
quasi seria absolvido da sua bel-
lica impertinencia dando logar a
que o grande mestre escrevesse
mais uma maravilha, cantando a
immensa alegria que agita essa
raça, — alegria inexplicavel, des-
lumbradora, epica, que só po-
dem comprehender em toda a
sua extensão ou as nações que
resurgem ou as raças moribun-
das...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



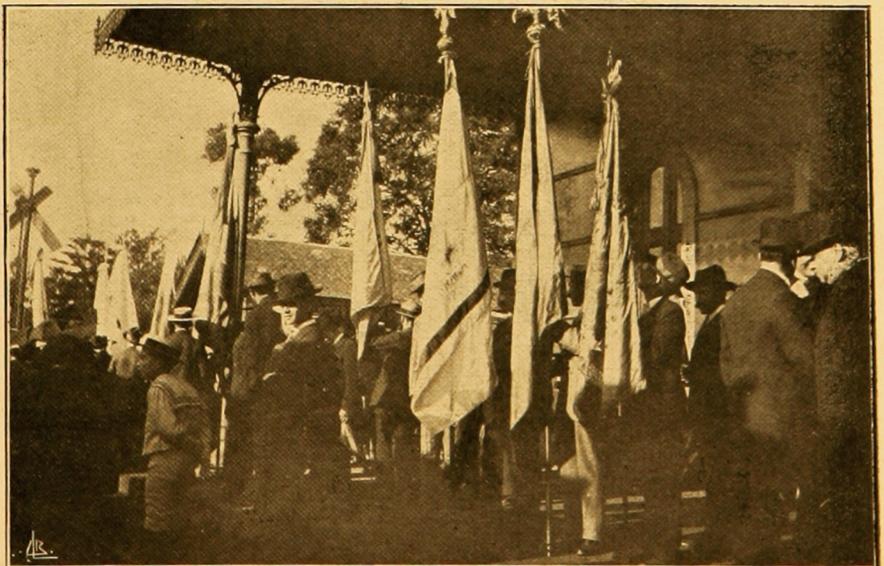
OO
OO

roçadeira da morte, n'um
rythmo macabro, vae
ceifando corpos sobre
corpos... Crugem no ar sinistra-
mente, corvos, e por toda essa
Europa rasgada de cutiladas, fura-
da de balas como um velho judas
das nossas aldeias em sabbado
d'alleluia, apenas se ouve o lamento
lancinante dos hospitaes, a raiva
dos combatentes, e o frenetico deli-
riados povos em guerra.

Não são patrulhas, são raças a
uivar o grito sibillante do deses-
pero, n'uma convulsão enorme, que daria aos
circulos do inferno um aspecto novo, digno do
Dante.

A civilização é a morte. O progresso é uma
lucta renovada, não para alcançar a duradoira
paz, senão para cantar o hymno fatuo das vi-
ctorias de um dia, sobre uma montanha de
caveiras.

Recordo agora aquella figura do cele-
bre artista russo, que por amor da arte se foi
até ao mar, a bordo d'um couraçado russo,
ha annos, durante a guerra com o Japão, para
ver melhor e melhor reproduzir na tella os qua-
dros da grande ferocidade humana. Uma tarde,
á luz do poente, côr do fogo das coleras, côr
do sangue que já empastava as colinas de
Porto-Arthur e se coagulava, boiando, como
nodoas, sobre os mares. Uma tarde elle produ-
ziu aquelle quadro tão doce na suavidade do
pranto que exsuda, tão bellamente doloroso,



Na "gare", do caminho de ferro de Braga:
O Exc.^{mo} Vigario Capitular e associações com os seus estandartes
aguardando a chegada do comboio excursionista





BRAGA — Outro aspecto da recepção feita na "gare,"
do caminho de ferro.
As associações aguardando a chegada do comboio

em que a figura de Jesus, chorando as mesmas lágrimas que no Golgotha chorou, passa por entre torsos humanos mutilados, braços que se crispam em agonia, frentes abertas, olhares attonitos do pavor em que a morte se espelhou. É noite, noite densa e alta. Ramos seccos de frio, parecem escrever na caligem cinzenta do céu palavras incompreensíveis de mysterio tenebroso e de presagio funesto.

É o quadro de horror que o negrume esconde, não poderia divisar-se, se a luz meiga do nimbo de Jesus a não illuminasse!...

Culto e fundo, ao mesmo tempo o Symbolismo d'esta tēla! A luz de bondade que é a aureola de Jesus Christo vem mostrar-nos um

01
01

horror, mas não sómente o horror nos mostra, levanta um contraste, destaca a figura do Homem-Deus a chorar, que passa com uma espiritualidade divina, como um sussurro, como uma aragem refrigerante, e que é bem n'aquelle scenario de atrocidades a flor roxa do martyrio e da tristeza!

A legenda do quadro nol'o conta:— *E o Christo disse: "Amavos uns aos outros!"*

É esta a grande, a sublime regra de salvação para a humanidade:—o amor christão, a paz christã.

O pacifismo é a contrafacção da paz. O humanitarismo é a falsificação da humanidade, como a philanthropia é a caricatura da caridade, como a revolução é a negação da ordem,

da estabilidade continua, do progresso disciplinado. O pacifismo gera a guerra, contra a guerra, que o mesmo é dizer o sangue contra o sangue. O humanitarismo produziu, confeccionou a bomba da anarchia. A philanthropia deu-nos apenas a esmola ostentada como titulo ao panegyrico dos jornaes e á benevolencia falsa das sociedade elegantes.

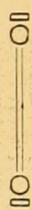
É tudo é filho d'essa revolução com letra grande: o monstro verde como o escarro, que devora os filhos dos outros, depois de devorar os seus, d'essa revolução a que a fome das multidoes dedica, rouquejando, a *Internacional da Communa* e da *Semana Tragica*; d'essa re-



Um trecho da grandiosa peregrinação a caminho do Sanctuario do Sameiro

volução que arvora o pavilhão dos incendios e das carnificinas, gritando hypocritamente a palavra *paz!*

E' por isto que eu penso que, no fim da guerra actual, a Revolução de 89 será apenas uma mumia, exposta nos museus da Europa á



irrisão mordaz dos seus coevos e dos seus posterios. A ideia de Patria, uma e indivisivel, tal como a Allemanha e a Belgica acabam de a exemplificar; a ideia da Patria sahirá no fim da hecatombe mais pura, mais forte. Dentro d'ella está o instincto e a intelligencia do homem.



SAMEIRO — Um outro aspecto da peregrinação



Até junto da Virgem do Sameiro, o povo entoia suavissimos canticos de fé

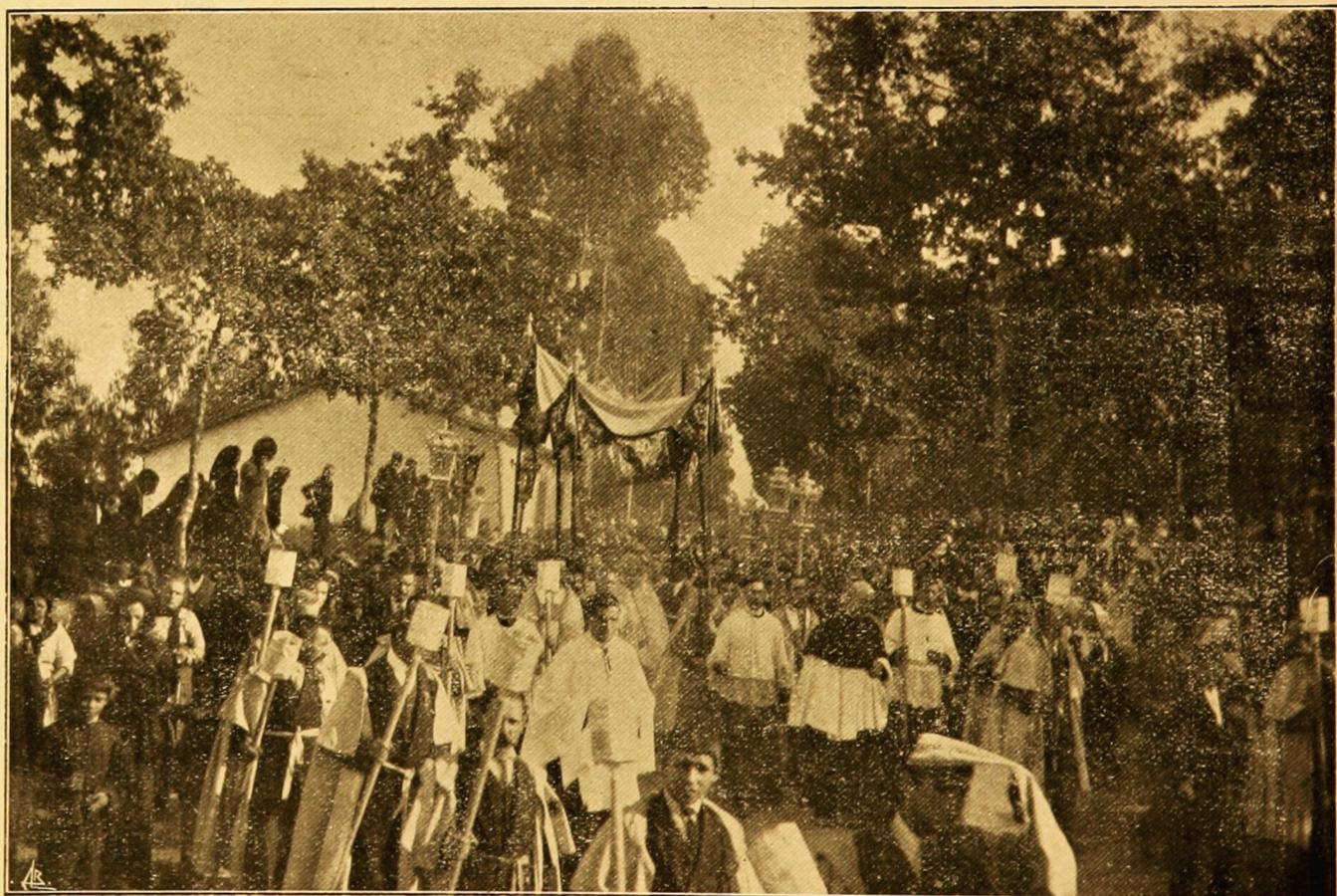


E' que o Sangue que o pacifismo faz ver-
ter é o de um fratricidio, e o sangue que se de-
põe no altar da Patria é aquelle que dá á vi-

da a robustez que ergue os lares de amor, e
faz crescer nos campos de Portugal doiradas
messes...
F. D'ALMEIRIM.



SAMEIRO — As «Filhas de Maria», da Tamanca, conduzindo na peregrinação o seu estandarte



A PROCISSÃO — Debaixo do pallio conduz o SS. Sacramento o Exc.^{mo} Bispo do Porto, Senhor D. Antonio José de Sousa Barroso

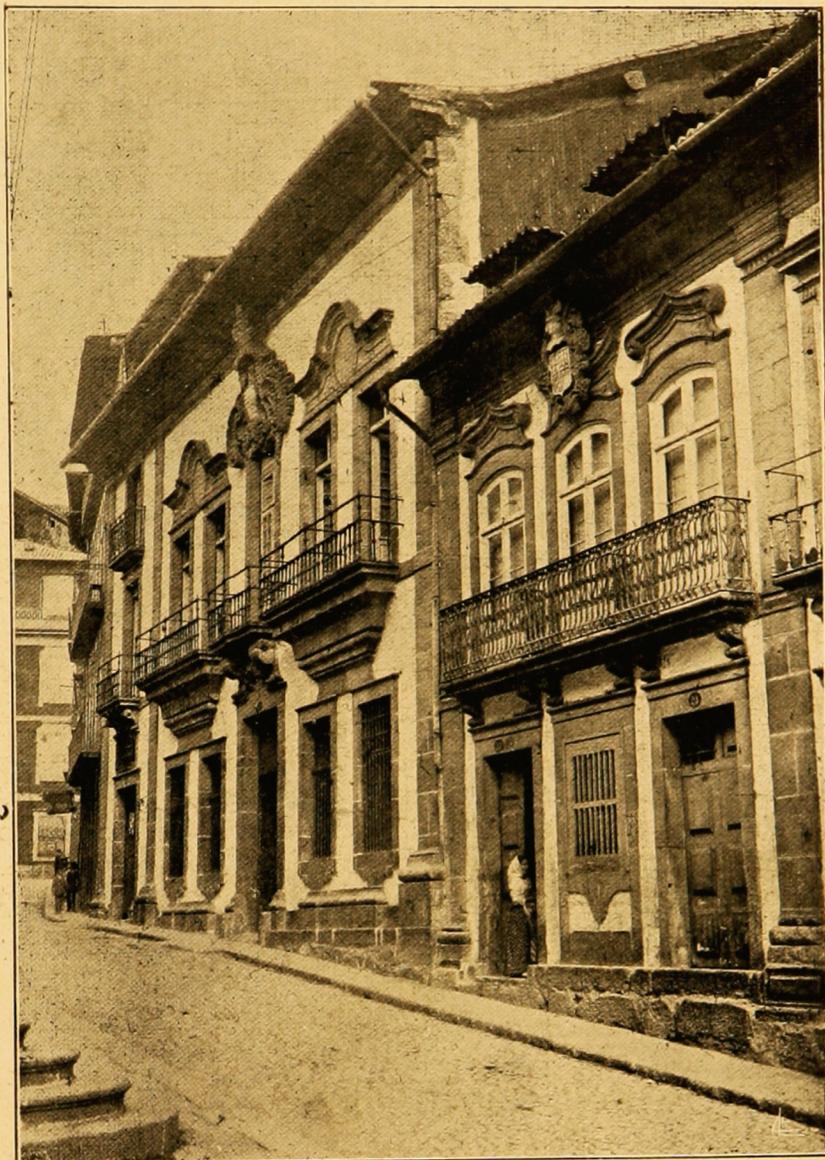
O Collegio Academico, situado na rua de S. Domingos, é um dos mais recommendaveis estabelecimentos de educação e ensino d'aquella cidade, não só pelos bons resultados collidos nos exames, como pelas suas condições hygienicas e disciplina suave propria de todas as idades.

Este é, sem duvida, o melhor reclamo d'esta casa e deve orgulhar, sobremodo, a sua illustre direcção, de que fazem parte os nossos amigos snrs. dr. Alfredo Peixoto, ornamento da clinica vimaranense, Luiz Gonzaga Pereira e padre José Maia dos Santos. Todos tres gosam em Guimarães de muitas sympathias e teem inspirado ás exc.^{mas} familias absoluta confiança, pelo seu character franco e meigo carinho com que por egual são tratados todos os alumnos que lhes são confiados, como já tivemos ensejo de observar. As condições hygienicas do edificio nada deixam a desejar.

Possue amplos salões para dormitório e estudo onde o ar e a luz entram em abundancia, vastos salões para aulas, grande terraço para recreios ao ar livre e um excellente balneario.

Com o resultado tão honroso e com tão escolhida direcção, torna-se desnecessario recommendar esta excellente casa de educação, que, por si só, se recômmenda.

Mil parabens e muitas prosperidades.



Edificio do collegio

FIGURAS DA BEIRA

∞
(SEGUNDA SERIE)

Visconde de Guedes
Teixeira

IV

POLITICO regenerador, e homem cada vez mais decidido e operoso, a sua boa cidade entregou-lhe depressa o que tinha de melhor — por assim dizer, os aristocratas da burguezia lamecense.

Apoiaram-no os grandes commerciantes da Praça de Cima, os senhores de Almacave e immediações da Olaria. Capitalistas, bachareis, velhos fidalgos resignados com a burla do liberalismo, a gente ponderada, dinheirosa, mais de vulto, deram-lhe o voto, a sympathia e o poder.

Guedes Teixeira tinha o exterior suggestivo, uma linha distincta e dominadora. Olhos negros, vivos, movediços. A tez moreno-pallida dos resolutos e resistentes. Estatura mediana, mas desempenada, ademanes affectuosos, embora com um nativo nervosismo,

Sorria sem affectação, mas com doçura, um tudo-nada fulgente de boa ironia. Fallava com todos, cortejava as proprias creanças, e nem por isso deixava de ter o aspecto imperio-

so d'um dirigente que segue com fé o seu caminho de lucta.

Dentro em pouco, não tinha comsigo só a cidade, tinha o concelho, e um grande prestigio em todo o districto. Não tardou, emfim, que a Arcada o apontasse nas notas da vida eleitoral.

Foi a Lisboa, e conquistou logo as sympathias de Fontes, que n'elle viu immediatamente a enorme força d'um character.

Pouco depois, privava affectuosamente com Hintze Ribeiro, com Thomaz Ribeiro, com Antonio Cardoso Avelino—tambem natural de Lamego—com o Visconde de Alves Machado, emfim, com os marechaes do partido regenerador, recebendo-os, dentro da proverbial fidalguia, na sua casa provinciana.

Facilmente ganhou as eleições municipaes de Lamego no biennio de 1868 a 1870, embora se levantasse contra elle uma opposição ruidosa, com grandes velleidades de democratica. Essa opposição fortificava-se nos pequenos industriaes de sapataria, funilaria e car-



GUIMARÃES—Grupo geral de alumnos e professores do Collegio Academico

pintaria—nos chamados genericamente *artistas*, e era dirigida por um curioso bairrismo com o seu quartel-general na Praça de Baixo.

Não se imaginam os excessos da epocha em retaliações politicas. Um pobre relojoeiro, descarnado e ruivo, chamado Ricca, dizia-me em 1876—tinha eu dez annos:— *O menino já ouviu fallar no Fontes? E' um excommungado. Todos nós temos um nome proprio. Eu sou Francisco, O menino é José. Pois o malvado chama-se simplesmente... Fontes!*

Comtudo, o esgrouviado Ricca, intransigente até ao delirio, dignava-se conviver com meu pae, firme regenerador, e que depois foi padrinho do casamento do mesmo indomavel relojoeiro... Justiça seja feita ao bom do Ricca!

Presidente do municipio, Guedes Teixeira encontrava o seu sonhado campo de acção. Mas os opposicionistas, clamorosos de moralidade e economia, desalojaram-no do poder desde 1870 a 1872. O Visconde de Arneiroz, o chefe que o combatia, teve esses dois annos

GUIMARÃES = Collegio de Santa Maria



Alumnas do Collegio de Santa Maria em recreio

de gloria, pelo menos á roda de si, e no bairro dos Fornos. Era Arneiroz um homem culto, mas indolente e talvez deprimido já pelos rebates dos achaques que o inutilisavam na velhice.

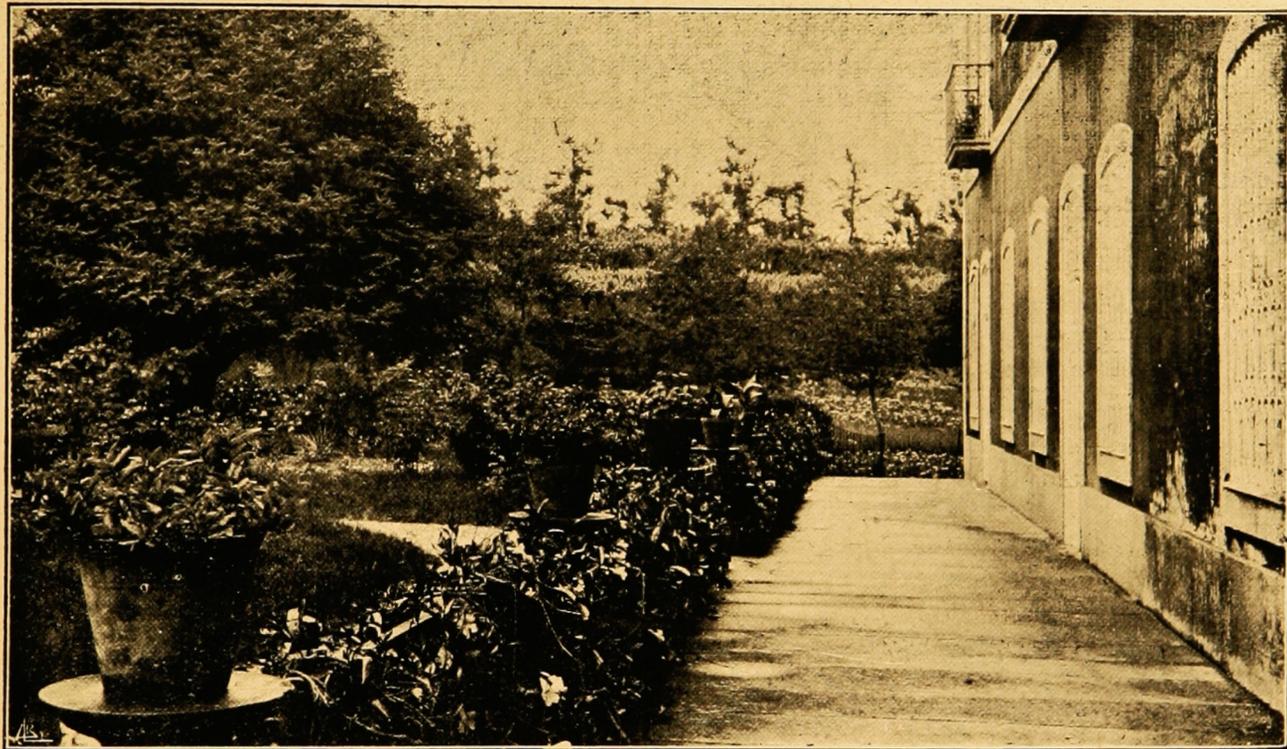
Estava com os *artistas* e, contudo, deviam-lhe estas poucas demonstrações de positiva estima. Era intelligente — e na defeza da abolição das varadas provara no parlamento uma facundia honrosa e bons sentimentos de justiça — mas comprazia-se n'um facciosismo que os seus correligionarios, aliás, compromettiam em varios exaggeros que elle, no intimo, certamente repellia.

Arneiroz odiava Guedes Teixeira que, em

vingança, o derrotava nas urnas com frequencia. E tal era o prestigio de Guedes Teixeira, que a presidencia do municipio foi arrancada das flacidas mãos de Arneiroz em 1872, conservando-a Guedes Teixeira até 1876.

E foi então que o futuro Visconde de Guedes começou a sua obra. Em vão tropejaram os *artistas*. Em vão correram doestos, calumnias, infamias por vezes. Guedes Teixeira encontrara o seu campo. N'elle tinha de pelear, de vencer e de morrer. E assim foi.

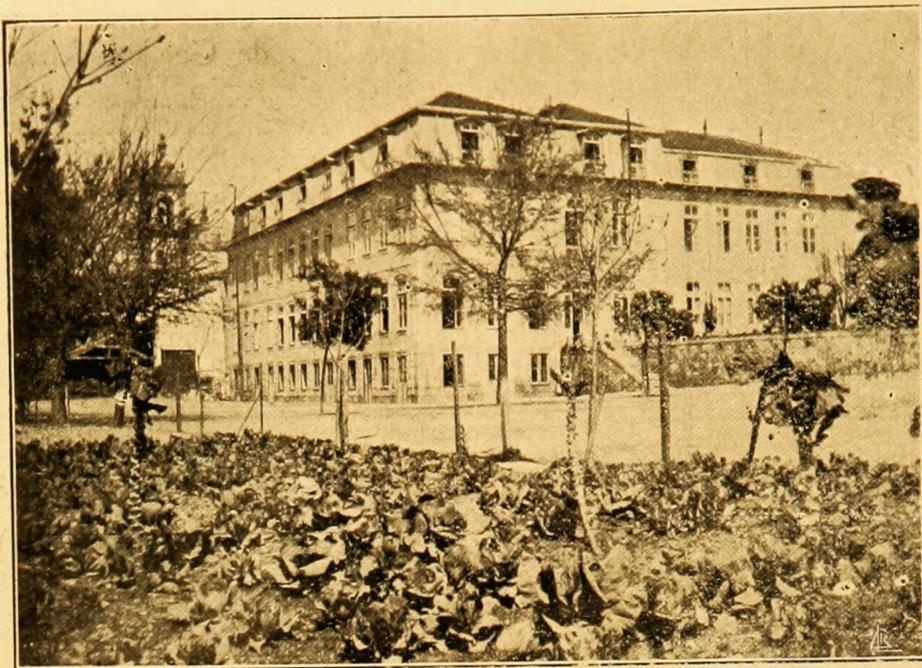
JOSÉ AGOSTINHO.



GUIMARÃES — Um trecho do jardim do Collegio de Santa Maria



Grupo de alumnas do mesmo Collegio



VILLA REAL—Edifício do antigo collegio de N. Senhora do Rosario

(Clichê do rev. José Barrias)

Fastos do Catholicismo



Na Babylonia parisiense



Não nos pertence fazer aqui a historia pormenorizada da archiconfraria da doutrina christã: bastadizer que actualmente são 4.300 as



E' frequente accusar-se a capital de França, a cidade da luz, como uma infamissima Babylonia onde vegetam todos os vicios e corrupções. Na verdade a Paris moderna, como quasi todas as grandes capitaes, é um foco de immunda corrupção anti-social, e embora Berlim e Londres não prestem menor culto á immoralidade, a cidade franceza refina em crimes no seu cosmopolitismo.

Todavia seria calumniar a



POVOA DE VARZIM — Antes do banho matinal



Banhistas junto dos rochedos da praia

nobre França suppor e affirmar que só alli existe o crime. A par das ignominias que a maculam, Paris tem glorias e bellezas que a dignificam e illustram.

Tal é, entre outras, a obra das catecheses iniciada em 1884 quando a laicisação das escolas começavam a sua obra nefanda.

Duas meninas da parochia de Santa Margarida dedicaram-se a catechisar 200 creanças d'essa freguezia.

Vistos os optimos resultados, em pouco tempo a obra prosperou sendo, posteriormente elevada a Archiconfraria.

senhoras e meninas que se dedicam á obra, sendo 44.174 as creanças catechisadas, só em Paris, sendo 220.000 os meninos que 37.000 senhoras educam em toda a França.

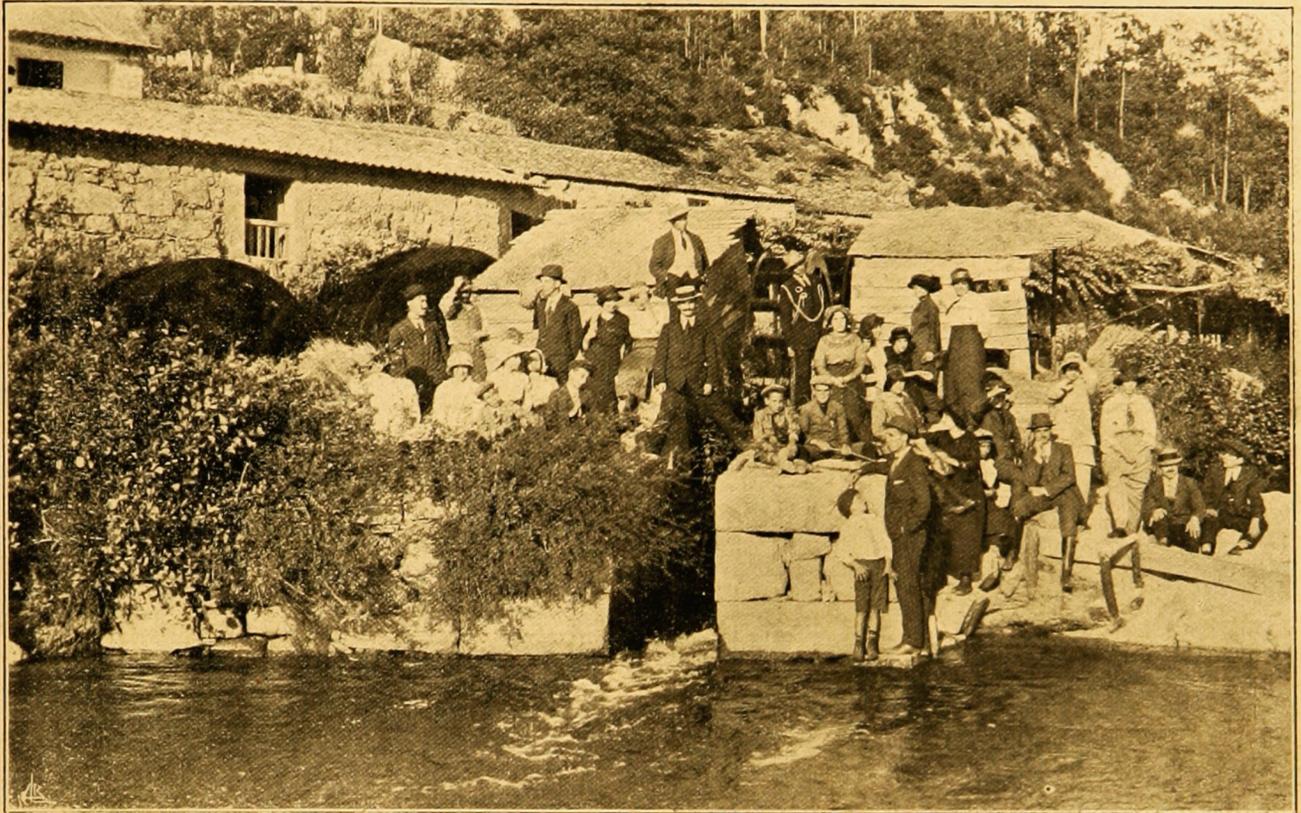
Não: Paris, com a sua Nossa Senhora das Victorias, o seu Monte dos Martyres, e esta obra magnifica, de incalculavel fecundidade pelo bem que faz a tantas almas, não é a Babylonia magna, como querem appellidala seus detractores, é um excellente cam-

po da vida christã que se desenvolve na França e ha-de cobrir copiosamente o pantano dos seus peccados, apostasias e aberrações.

R. C.

NO
||
NO

As ondas passageiras do prazer nos sustentem um instante, e depois nos abandonam. Cada vaga, que nos eleva sobre a sua crista brilhante, quando vem a tarde nos deixa sós sobre a praia desolada. Tal é a sorte das bellas esperanças da aurora da vida.



POVOA DE VARZIM — Banhistas nas azenhas da Espinheira



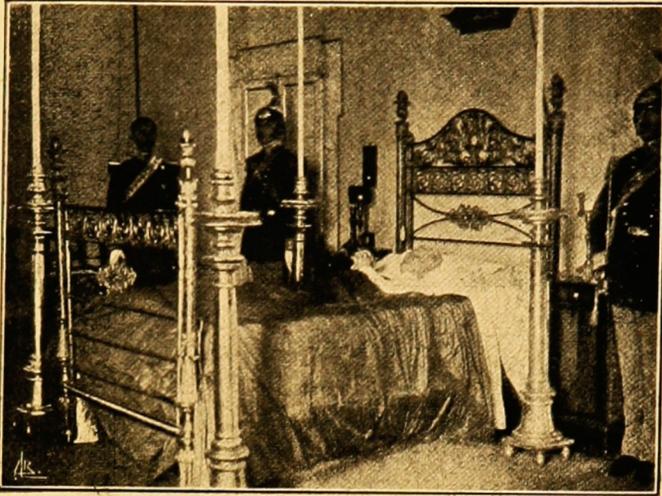
Depois de um "pic-nic," na Espinheira, proximidades da praia

(Clichés de Manoel da Silva Isidoro)

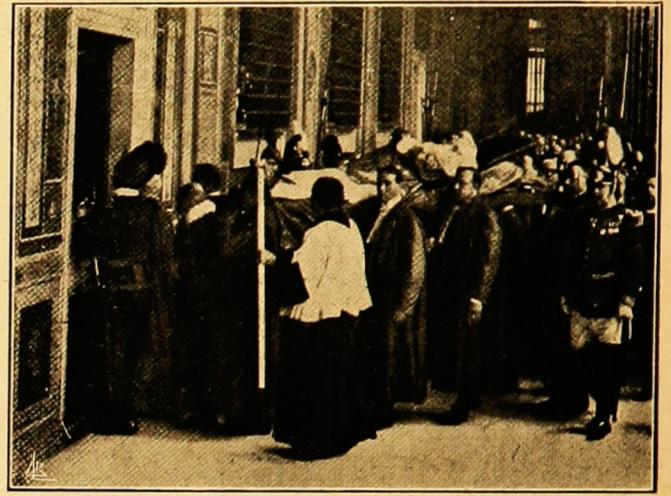


NOTAS DO ESTRANGEIRO

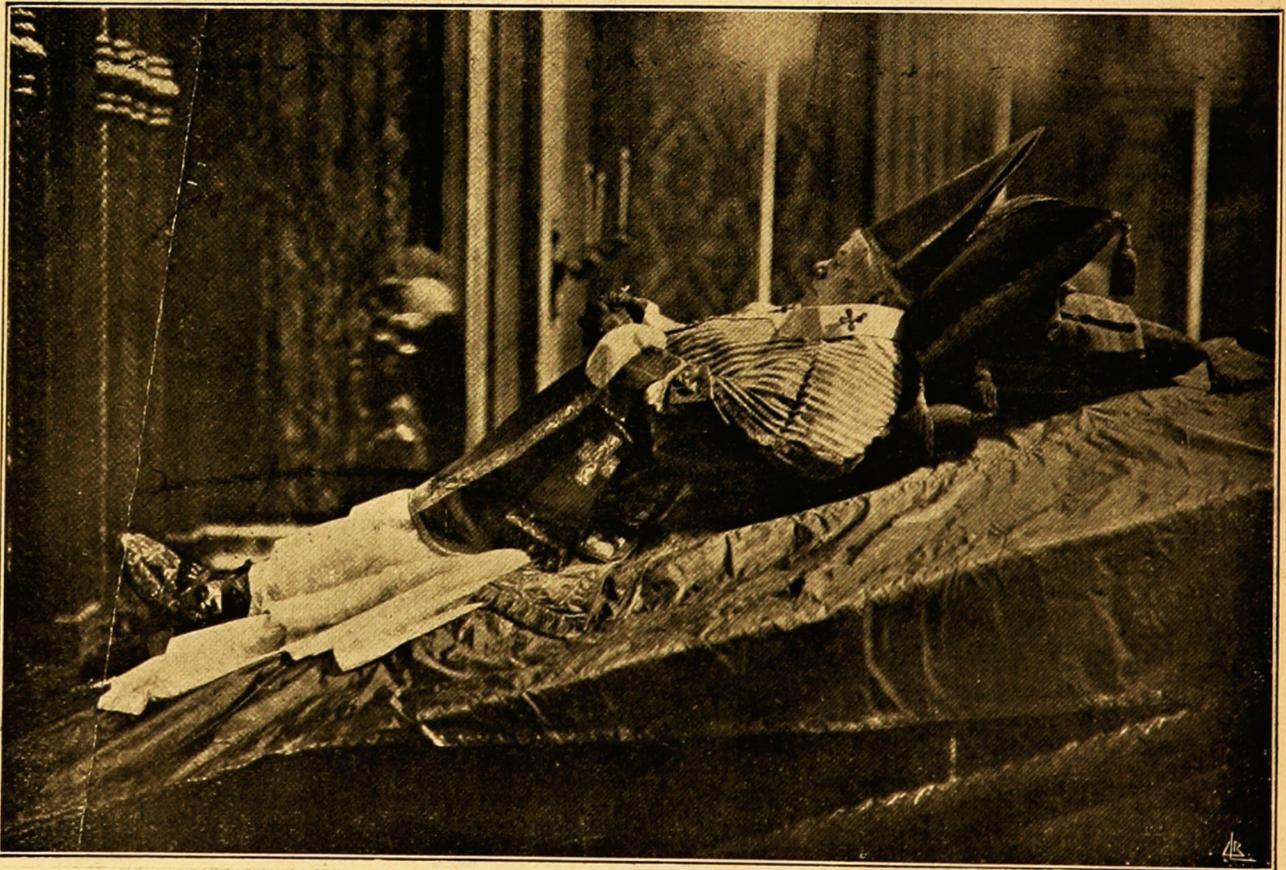
O fallecimento de Sua Santidade Pio X



Aposentos onde falleceu S. S. Pio X

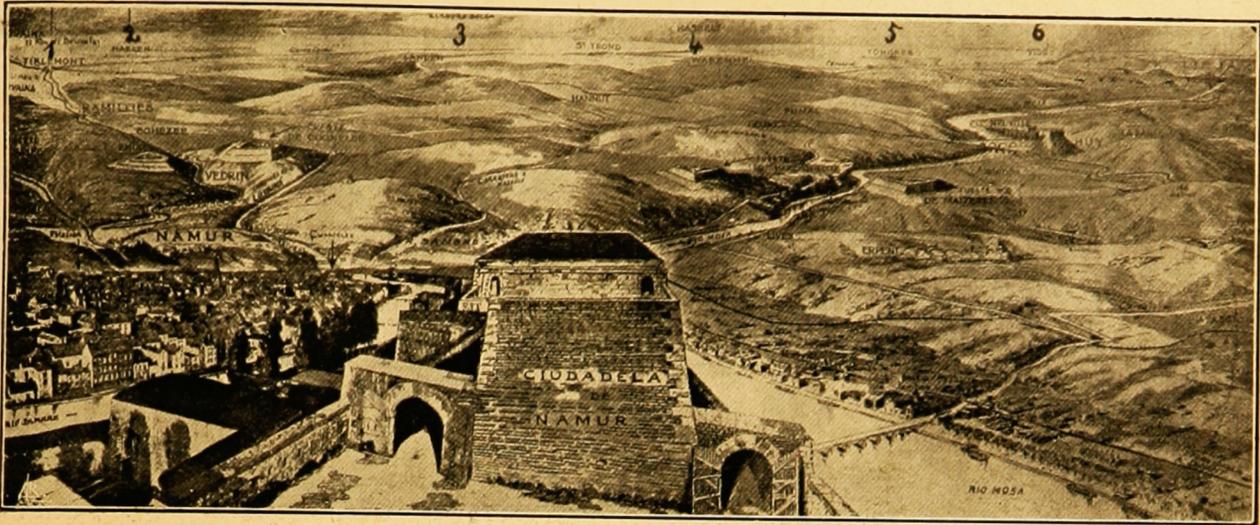


Conducção do corpo de Sua Santidade Pio X da sala do throno, onde estava exposto, para a Basilica de S. Pedro



Exposição do corpo de Sua Santidade Pio X na capella do SS. Sacramento da Basilica de S. Pedro em Roma

A Guerra Europeia



O campo de operações na Bélgica, desde o começo da guerra, e as defezas de Namur

- 1) TIRLEMONT — Onde foram derrotados os alemães. 2) HAELEN e DIEST — Combate entre belgas e alemães. 3) LANDEN — Sangrento combate germano-belga; ST. TROND — Combates. 4) HASSELT — Rudes encontros entre as tropas belgas e alemãs. 5) TONGRES — Primeiro combate sério para conter a invasão. 6) VISÉ — Incendiado pelos alemães. Ponto inicial da invasão.



FRANÇA — O estado-maior d'uma brigada estudando a carta geographica



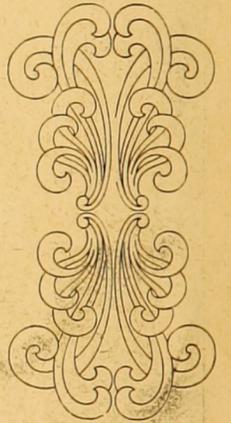
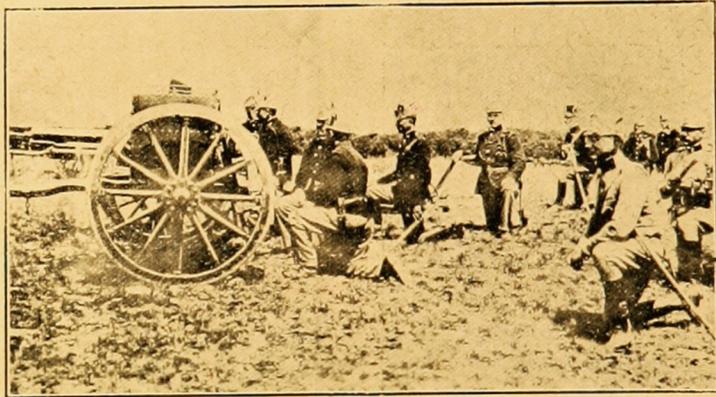
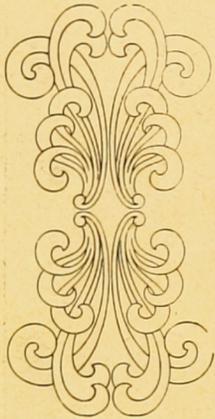
Soldados francezes acclamados pela multidão



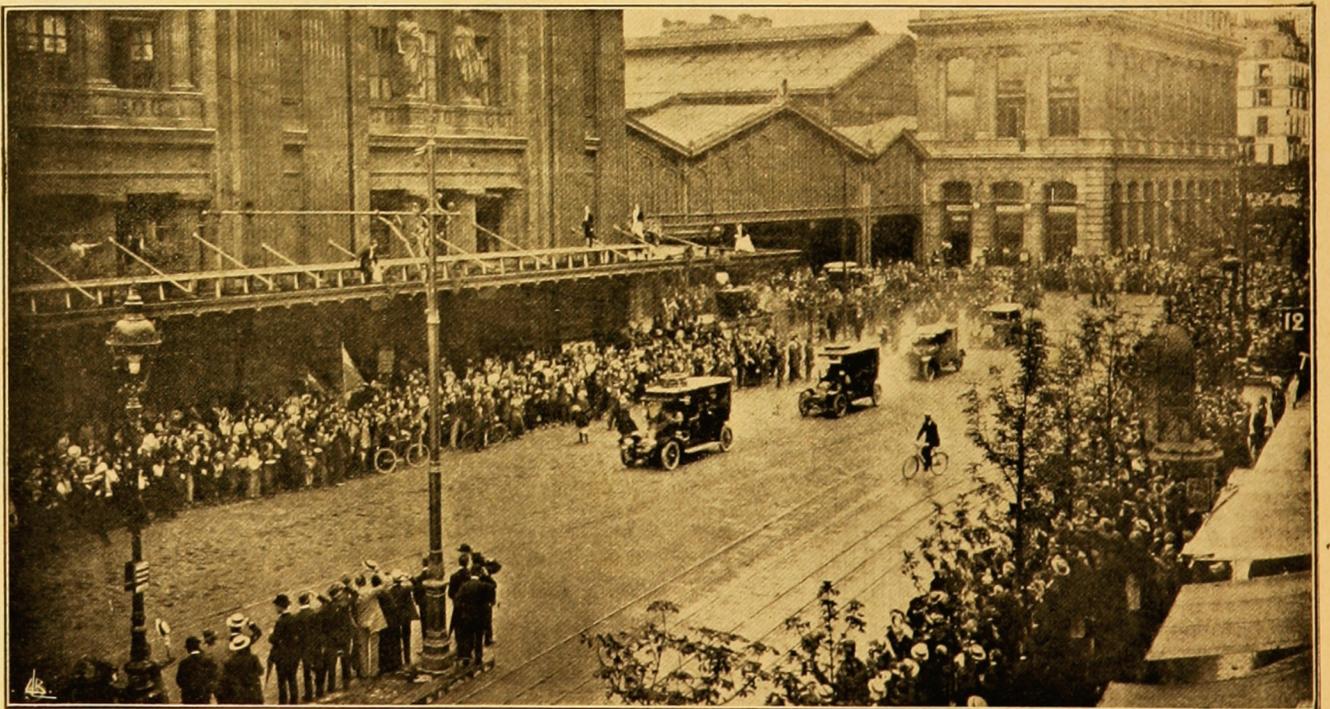
Um pelotão de dragões francezes sahindo de Gunbloux



O telegrapho do exercito austriaco em campanha



Uma bateria austriaca disparando os canhões



PARIS — O general French deixa a "gare," do Norte, aclamado pela multidão